



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10247 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

Subjetividades dilaceradas: a automutilação como testemunho corporal da angústia do adolecer no espaço escolar

Pamela Suelli da Motta Esteves - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Subjetividades dilaceradas: a automutilação como testemunho corporal da angústia do adolecer no espaço escolar

RESUMO:

É a partir do mal-estar problematizado por Freud e resignificado na contemporaneidade que essa proposta aposta na interdisciplinaridade entre Psicanálise e a Educação como um caminho para compreender/investigar as práticas de automutilação cada vez mais recorrentes em adolescentes em idade escolar. Tal investigação compreende os achados de uma pesquisa qualitativa em fase de finalização realizada com adolecentes do Ensino Médio de uma Escola Pública na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa partiu do desejo de pesquisadores em pensar a escola como um lugar de escuta e de reconhecimento das múltiplas subjetividades que a constituem. Essa investigação compreende três eixos teóricos: 1- As mudanças sociais investigadas pela Sociologia da Pós-Modernidade; 2- Uma análise psicanalítica acerca das dimensões do desejo e da angústia que marcam a travessia do adolecer; 3- O papel da Educação como campo de estudos fecundo na compreensão do adoecimento psíquico da adolescência e dos laços sociais que permeiam o adolecer. Diante desse cenário de efemeridade/desprendimento de subjetividades fragilizadas que simbolizam o mal-estar contemporâneo, acreditamos que investigar a origem desse processo do ponto de vista da Psicanálise contribui para o desafio de garantir ao adolescente um lugar de sujeito capaz de compreender o seu próprio mal-estar.

Palavras-chave: Adolescência; Automutilação; Psicanálise e Educação Escolar.

Em 1930 Freud escrevia um dos seus mais importantes textos: *O Mal-Estar da Civilização*. Esse estudo, como lembrou Lacan, é um daqueles textos perenes, que resistiu ao tempo, às muitas décadas de acontecimentos históricos e que nos permite, não só recolocar uma palavra no contexto de seu tempo, como traz questões para nosso tempo, e nos ajuda a refletir sobre o mundo em que vivemos, uma vez que nele, o inquietante pesquisador de Viena se refere àquilo que o sujeito vive como sofrimento ou impossibilidade de relacionamento com o mundo e com o outro, ressentido como uma dificuldade de ser, a partir de uma falta a ser.

De antemão é preciso assinalar que o mal-estar apresentado por Freud é estrutural e não meramente conjuntural, isso não significa que não possamos interpretar os acontecimentos históricos, como as guerras, por exemplo, como uma forma do mal-estar que se concretiza na vida social, ou seja, como um sintoma. Todavia, o nosso mal-estar atual não é necessariamente vivenciado da mesma forma que Freud formulou, mas pode sim ser considerado um sintoma da nossa condição pós-moderna, de seres humanos que precisam de ideias e representações que se interponham entre o momento presente e a morte, e parecem que justamente essas ideias estão em carência, pois estas faltam ao sujeito contemporâneo, que vive num mundo sem ilusões, onde a ideia da morte surge como único indício temporal e espacial.

O mal-estar freudiano é estrutural porque é fundamentado na renúncia que a civilização exige de cada um de nós individualmente e da condição humana como um todo. Essa renúncia pode ser compreendida como a origem do conflito psíquico entre o ISSO (princípio do prazer) e o EU (princípio da realidade). Mas o fato é que esse conflito não é meramente estruturado em caminhos antagônicos, como os tradicionais conflitos políticos e econômicos, esse conflito produz um sentimento de angústia derivado da relação entre o ser humano e o mundo. Fica então uma questão bastante intrigante: por que o ser humano não escolheu permanecer selvagem? Afinal de contas, na selvageria não haveria limites para as pulsões, as satisfações seriam descarregadas em prazeres intensos e de modo algum esse selvagem se sentiria culpado ou angustiado, já que não teria adentrado no princípio de realidade.

De fato, abandonar o projeto civilizacional nos livraria desse mal-estar que nos constitui enquanto cultura, porém, sem a vida em comunidade, sem os laços sociais e afetivos, sem as normas, as regras e as leis, o corpo puramente biológico não sobreviveria sem o cuidado e o afeto do outro semelhante mais experiente. E por que não sobreviveria? Freud (1996) nos advertiu que diferente dos demais seres vivos, nós seres humanos temos três grandes fragilidades que nos ameaçam e se transformam em fontes de sofrimento: (1) o poder devastador e implacável das forças da natureza, (2) a ameaça de deterioração e decadência que vem de nosso próprio corpo, e (3) o sofrimento advindo das relações que cultivamos.

Dessa forma, a civilização é necessária para nos ajudar a administrar essas fragilidades. A questão é que a civilização nos exige muito, são muitas normas, muitas leis, muitas renúncias que acabam nos levando ao adoecimento e nos distanciando da realização absoluta do princípio de prazer. Mesmo assim, aprendemos com os esforços de Freud, Lacan entre outros que não nos é permitido abrir mão de nossas reivindicações de felicidade. E de onde tiramos energia para não abandonar o projeto civilizacional? Como não admitirmos que o EU seja absorvido pelo ISSO?

Os estudos da Psicanálise fundamentados em observações clínicas buscam compreender esses questionamentos a partir da investigação do inconsciente, quando este, estruturado como uma linguagem pulsional do desejo se manifesta no set analítico. A Psicanálise direciona essa investigação a partir da dimensão do desejo que instaura o EU no registro simbólico da linguagem.

É a partir desse mal-estar problematizado por Freud que essa proposta aposta na interdisciplinaridade entre Psicanálise e os estudos da Educação como um caminho plausível para compreender/investigar as práticas de automutilação cada vez mais recorrentes em adolescentes em idade escolar. Tal investigação compreende os achados de uma pesquisa qualitativa, em fase de finalização, realizada com adolecentes do Ensino Médio de uma Escola Pública de grande porte na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa

teve início em 2018 e partiu do desejo de um grupo de pesquisadores interdisciplinares de pensar a escola como um lugar de escuta e de reconhecimento das múltiplas subjetividades que a constituem.

A transição social que estamos atravessando intensificou um momento de tensões, desprazeres e intenso de mal-estar. Esse cenário é permeado de intensos dilemas para o processo de subjetivação do sujeito adolescente, pois o adolecer também é um momento de transição marcado por tensões no desprendimento do universo familiar, na experiência de distanciamento da infância e ainda no medo das novas escolhas e decisões. É da nossa esmaecida, imagética e consumista sociedade pós-moderna que o adolescente retira os recursos sociais para essa travessia, fundamentado em laços sociais efêmeros e fragilizados que o supereu da lei se coloca na tensão entre identificações egoístas e altruístas marcadas pela trajetória de um autoerotismo infantil para as escolhas objetivas que tecem a subjetividade.

O que marca esse adolecer? Certamente múltiplas angústias que para alguns sujeitos são tão insuportáveis que são transferidas para o corpo, cortando a própria pele, se queimando, inscrevendo/escrevendo a dor no corpo. E muitas vezes é na escola que as práticas de automutilação são sinalizadas, o que faz dessa instituição um espaço carente de uma escuta analítica qualificada.

Buscar compreender o processo que instaurou em nossa civilização uma adolescência marcada por subjetividades fragilizadas é a principal justificativa desse artigo. Para os adolescentes da nossa sociedade pós-moderna o Outro é desbussolado (Reis, 2018), perdido, desnortado, descentrado (Hall, 1999), atravessado por afetos esmaecidos (Jameson, 2004), tem dificuldade em acreditar em relações duradouras e que por isso aposta na efemeridade do desejo. Esse adolecer retira seus significantes que estruturam sua cadeia de subjetivação desse grande Outro que é subjetivamente fragilizado pelo contexto social e barrado na falta a ser de sua dimensão desejante.

Dessa forma, o objetivo desse artigo consiste em investigar a travessia do adolecer de estudantes que recorrem a automutilação como um mecanismo de anteparo à angústia que marca seus processos de subjetivação. Essa investigação compreende três eixos teóricos: 1- As mudanças sociais investigadas pela Sociologia da Pós-Modernidade; 2- Uma análise psicanalítica acerca das dimensões do desejo, da angústia e da fantasia como tamponamento do Real inerente à travessia do adolecer; 3- O papel da Educação como campo de estudos fecundo na observação do adoecimento psíquico da adolescência e dos laços sociais que permeiam o adolecer.

Diante desse cenário de efemeridade/desprendimento das subjetividades fragilizadas que constituem a espinha dorsal do nosso mal-estar, acreditamos que investigar a origem desse processo do ponto de vista da Psicanálise, ou seja, a partir da constituição psíquica do sujeito possibilita auxiliar o campo dos estudos da Educação no desafio de garantir ao adolescente um lugar de sujeito e não apenas de objeto e depósito de informações.

Como fortalecer as subjetividades fragilizadas em uma sociedade que mercantilizou todas as esferas da vida, desde as relações de afeto até a criação de uma imensa indústria cultural? Essa é sem dúvida uma questão extremamente intrincada, e a complexidade se torna ainda mais descomunal se nos perguntarmos como é possível que ainda haja ordem social em uma sociedade que não reconhece mais o valor intrínseco dos seres humanos?

O “homem sem vínculos” de Bauman e o “esmaecimento dos afetos” de Jameson

são bons exemplos das subjetividades fragilizadas de nossa época, são também as principais características do mal-estar que vivenciamos. O tempo de duração de um produto está na satisfação que esse nos oferece, sendo logo descartado e substituído por outro. É essa mesma lógica que habita os relacionamentos contemporâneos, nós mercantilizamos os nossos sentimentos. Viver sem vínculos é exatamente isso, é descartar a pessoa assim que ela não mais oferece satisfação e substituí-la o mais rápido possível. Quanto mais efêmero for um relacionamento menor serão as chances de sofrer, menor será o medo e a incerteza, por outro lado, maior será o mal-estar.

Esmaecer os afetos tem o mesmo sentido. Trata-se de desbotar o sentimento, tirar sua cor, sua textura, seu significado e transformá-lo em uma mercadoria a ser vendida na indústria cultural de bens simbólicos. Como uma mercadoria o afeto pode ser descartado assim que tiver totalmente esmaecido, ou seja, assim que perder seu valor para outro tipo de afeto-mercadoria esteticamente mais inovador. A cada compra de um afeto novo o sujeito se diverte e encobre a angústia através do fetiche da mercadoria. O problema se dá no momento da reflexão, quando os inúmeros afetos comprados e descartados se tornam esmaecidos e o sujeito se vê subitamente surpreendido pelo sentimento de solidão, nesse momento a angústia transborda para o corpo denunciando uma falta a ser.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa que subsidia esse artigo foi realizada em três etapas: 1- Revisão bibliográfica da literatura especializada em Psicanálise e Educação na investigação das práticas de automutilação na adolescência. 2- Pesquisa empírica (entrevistas semiestruturadas) desenvolvida com estudantes adolescentes que vivenciaram/vivenciam a experiência da automutilação. 3- Rodas de conversas desenvolvidas com os mesmos sujeitos adolescentes entrevistados. Essa proposta de artigo compreenderá um recorte das etapas 1 e 2 e estará dividida em três momentos encadeados. O primeiro momento apresentará a trajetória traumática do adolecer através da automutilação como um *acting out* direcionado ao Outro. O segundo momento consistirá em uma problematização do papel da instituição escolar nesses contextos. O terceiro e último momento trará os achados da pesquisa (detalhados a seguir) a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre a Psicanálise e a Educação.

A partir da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo das entrevistas os achados parciais da pesquisa apontam:

- Que o sujeito adolescente é atravessado pela linguagem do desejo do Outro, e que no entrecruzamento desse desejo a angústia aparece com um sintoma, que não encontra expressividade/representação na própria linguagem e transborda para corpo através de cortes, queimaduras e ferimentos.

- Que o ato de lesionar o próprio corpo tem o valor de expressividade daquilo que é impossível de ser dito, de ser nomeado através de palavras (Alberti, 2009). Logo a automutilação se traduz em um caminho de denunciar o próprio sofrimento, e em muitas ocasiões o adolescente encontra na escola um lugar para receber essa dor que uma vez inscrita no corpo comunica aquilo que sufoca.

- Que as práticas de automutilação podem ser uma tentativa de evitar a castração, uma vez que os machucados no corpo expressam o não-dito pela linguagem.

- Que uma escuta analítica no espaço da escola é uma maneira de dar voz às angústias que marcam o adolecer contribuindo para que o adolescente possa produzir um saber sobre si mesmo, sobre suas possibilidades de sustentar seu próprio mal-estar.

A partir desses achados de pesquisa concluímos em concordância com Geofroy e

Alberti (2015) que na escola também pode ser criado um espaço de fala, de interlocução, com a finalidade de resgatar e compreender a dimensão do desejo na ação educativa. “Pois quando é ofertada a escuta a demanda de alguma forma advém” (Silva e Teixeira, 2019, p. 64).

Referências Bibliográficas:

ALBERT, Sônia. O adolescente e o Outro. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt (1998). O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CECCARELLI, P. R. (2010). A patologização da normalidade. Estudos de Psicanálise.

GEOFFROY, R. M. G., & Alberti, S. (2015). Contribuições de Jean Oury para verificar uma possível emergência do sujeito na escola. Estilos da Clínica.

FREUD, S. (1996). O mal-Estar na civilização. Rio de Janeiro: *Imago*. (Originalmente publicado em 1929).

FREUD, S. (1972) Os caminhos da formação dos sintomas. (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: *Imago*. (Original publicado em 1917).

FREUD, S. (2020). Além do princípio do prazer. Belo Horizonte: *Autêntica*

HADAD, Valter Guerra. (2018). Reflexões sobre o mal-estar na clínica contemporânea. *RedePSI*.

HALL, Stuart. (2005). A identidade cultural na pós-modernidade. 10a. ed. Rio de Janeiro: DP&A

JAMESON, Fredric. (1997) A lógica cultural do capitalismo tardio. In: Pós-Modernismo. São Paulo, Ática.

LACAN, J. (1996). Situação da psicanálise e formação do psicanalista. Em J. Lacan, Escritos. (pp. 461-495). Rio de Janeiro: *Jorge Zahar*.

LACAN, J. (1998). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LE BRETON, D. (2007). Adeus ao corpo. Papyrus Editora.

REIS, Maurício de Novais. Automutilação: um corte silencioso nos desejos. Teixeira de Freitas: *Jornal Alerta*, 2018.